ENTREVISTA | **HELVÉCIO RATTON**

DIRETOR E PRODUTOR

‘Está mais do que na hora de os homens entrarem nessa conversa’

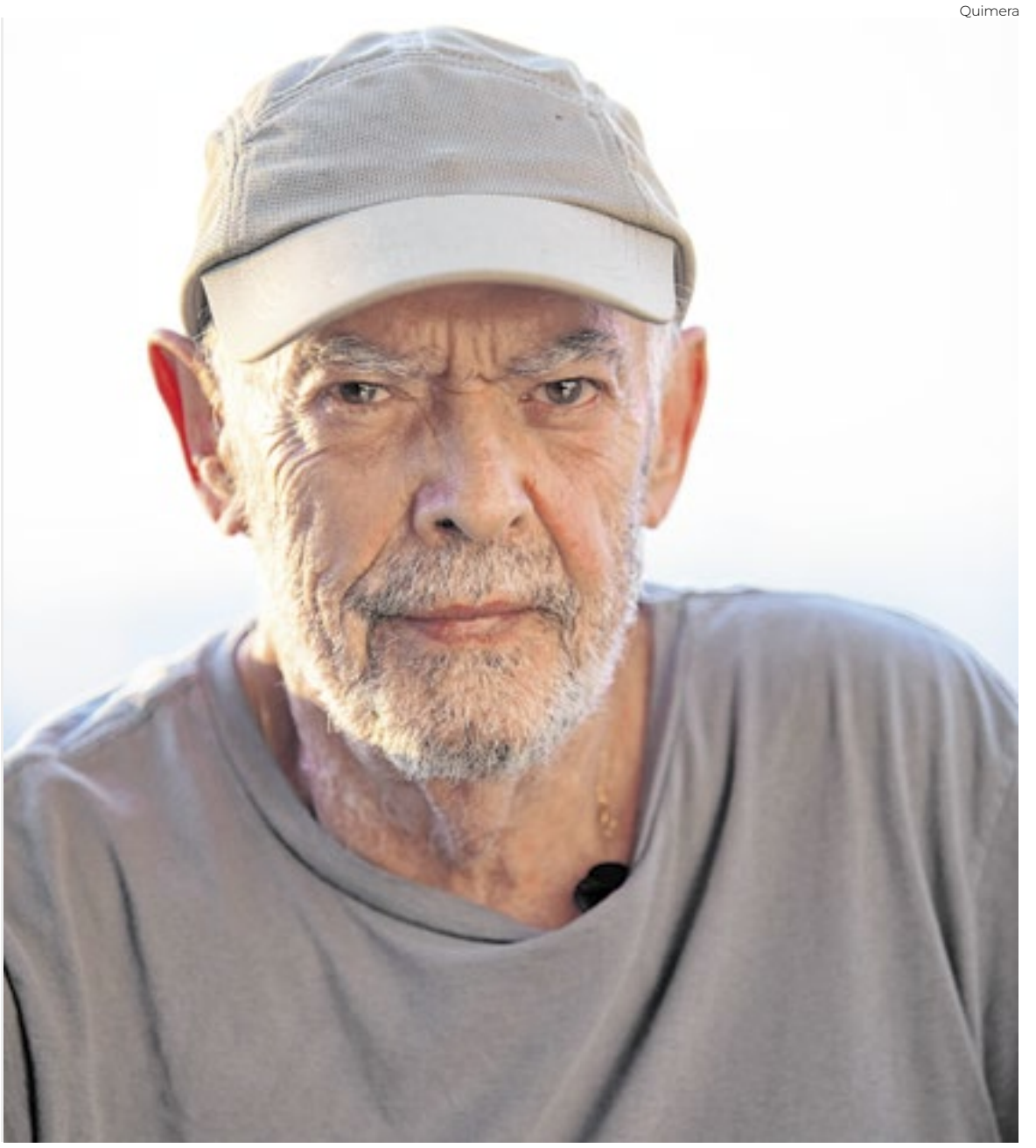
RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Ciente de que seu “Só Não Posso Dizer o Nome” é um filme para guerras, no combate a ranços sexistas históricos, o realizador de “A Dança dos Bonecos” (1987) e “Batismo de Fogo” (2006) afirma o CEP de seu filme com orgulho de sua terra natal: “É um filme mineiro. O elenco é de Minas. Filmei em Belo Horizonte”. Aos 77 anos, Helvécio Ratton regressa ao circuito carregado dessa mineiridade, mas buscando conexão com o Chile – onde viveu parte de sua juventude, a partir de seus 18 anos – por meio de um diálogo com a autora da HQ “No Abuses (De Este Libro)”, a quadrinista Nati Chuleta. No papo a seguir, o realizador – famoso por sua destreza irretocável à direção – explica como tirou do universo de Nati a saga de Tina, jovem que foi abusada pelo padrasto e decide reagir.

Família é um tema que sempre ocupou um lugar importante no seu cinema. Em “Só Não Posso Dizer o Nome”, porém, ela aparece associada a um espaço de violência e desamparo. Como essa contradição entrou na construção do filme?

HELVÉCIO RATTON — Sou mineiro. A tradição familiar em Minas tem um peso muito grande. No caso desta história, a família deixa de ser, de fato, um lugar de acolhimento. Tina é abusada pelo padrasto e precisa enfrentar a própria família para conseguir superar o que aconteceu. Mas essa é uma situação universal. Não é uma história apenas chilena, mineira ou brasileira. Acontece em todos os lugares. A mãe que, num determinado momento, não escuta a filha é uma figura muito recorrente. Desde que comecei a trabalhar no filme, ouvi uma quantidade imensa de relatos semelhantes. A família deveria ser o primeiro lugar de acolhimento, mas muitas vezes não é. Muitas vezes, não consegue suportar a situação. E o remédio mais utilizado acaba sendo o abafamento, o silêncio. Um silêncio hipócrita.

Quimera



> “Quando comecei a falar que faria o filme, ouvi de algumas produtoras que eu não teria lugar de fala para tratar do assunto”

Seu cinema, desde a “A Dança dos Bonecos”, dá lugar, com frequência, a figuras femininas fortes, em luta, o que é o caso aqui. Como foi adaptar a experiência da chilena Nati Chuleta à realidade brasileira e construir a sua Tina?

A Nati escreveu e desenhou o livro quando tinha 16 anos. Conseguiu publicá-lo aos 23. Conheci a obra pouco depois e acabei comprando os direitos de adaptação. Chile e Brasil são países latino-americanos, têm semelhanças, mas também diferenças na sociedade e no comportamento das mulheres. Quando morei no Chile, no início dos anos 1970, encontrei mulheres muito mais reprimidas, mais caladas e silenciadas. Nos últimos anos, houve uma transformação importante, com o fortalecimento do movimento feminista por lá. Quis situar um pouco esse universo logo no início do filme, com uma animação em que uma princesa rejeita o príncipe de um conto de fadas. É uma maneira de mostrar onde está a cabeça daquela menina.

O senhor é pai de quatro mulheres - avô de uma. Como a experiência de paternidade se transformar no processo de contar uma história como essa?

Essa é uma questão que atravessa a posição dos homens, de maneira geral. Não quero olhar para o assunto apenas a partir da minha condição de pai. É uma questão que diz respeito aos homens numa sociedade em que os casos de abuso são cada vez mais numerosos e as histórias que ouvimos são cada vez mais assustadoras. Sempre foi algo que me preocupou. Tenho pensado muito em como essa conversa vem sendo conduzida no Brasil e acredito que também em muitos outros lugares. Muitas vezes, ela acontece apenas entre mulheres. Quando comecei a falar que faria o filme, ouvi de algumas produtoras que eu não teria lugar de fala para tratar do assunto. Mas parto justamente de uma posição contrária: está mais do que na hora de os homens entrarem nessa conversa, de os homens discutirem um tema que não diz respeito somente às mulheres.

O que falta para que essa participação masculina aconteça de maneira mais efetiva?

Quando você começa a ouvir os casos, percebe que há muito pouco posicionamento dos homens. E isso também aparece na Justiça, que é completamente masculina, patriarcal. Há juízes capazes de constranger as vítimas e inocentar os abusadores. Sinto cada vez mais a necessidade da presença dos homens nesse debate. Coloco-me nessa história como um pai que sempre se preocupou com o tema, mas também como homem, numa sociedade machista e atrasada como a nossa.

Você adaptou O Menino Maluquinho do Ziraldo nos anos 1990, numa prova prévia de que as HQs estão no seu radar. Agora vem esse quadrinho chileno. Qual é a sua relação com essa mídia, de balõezinhos?

Sou apaixonado por quadrinhos desde muito pequeno. Sempre gostei do Batman, mesmo achando o Super-Homem um chato. Tenho muitas HQs em casa e sempre me fascinou a liberdade dessa linguagem, sua anarquia e a possibilidade de saltos no tempo, algo diferente do cinema. Em “Só Não Posso Dizer o Nome”, foi um prazer enorme voltar a dialogar com essa arte, misturando animação e live-action para criar a Super Tina, alter ego da protagonista.

O senhor tem um novo filme já em preparação?

Tenho um documentário sobre o jogador do Galo (Atlético Mineiro) Reinaldo. Vai se chamar “Reinaldo de Punho Cerrado”, pela forma como ele comemorava os gols.